

*Os funerais de dona
Camila*

Sérgio Mattos

Os funerais de dona Camila

Salvador, 2008

© Sergio Mattos, 2008
Rua Alceu de Amoroso Lima,
314, sala 411 41820-020 Salvador,
BA www.sergiomattos.com.br
smattos@atarde.com.br

Projeto gráfico e
edição *Luis Guilherme*
Pontes Tavares
Ilustração da capa
Sidney Falcão (Estúdio
Cedraz)

M444

Mattos, Sérgio
Os funerais de dona
Camila / Sérgio Mattos. –
Salvador, 2008
72 p.
ISBN 978-85-907939-0-8
1 Literatura Baiana 2
Literatura Bra- sileira 3
Literatura brasileira – prosa
I Título
CDU 82 (813.8)

*dedicado aos amigos
que acreditaram e
incentivaram as aventuras de Camila*

Sumário

Pé na merda	9
Defunto trocado	15
Roubaram o defunto	37
A ressucitação de Lindolfo	47
Quem é Sérgio Mattos	61

Os funerais de dona Camila	7
----------------------------	---

O Pé na Merda

Camila era a simpatia em pessoa. Sempre alegre, ajudava a todos indistintamente e por eles se sentia responsável. Na pequena cidade do interior da Bahia – cujo nome foi omitido nesta história por motivos óbvios –, quebrava todos os galhos dos necessitados por ser a secretária do prefeito. Arranjava empregos, serviços extras, bolsa de estudo, cesta básica e não deixava de comparecer nem a festa de aniversário de boneca. Seu escritório era um misto de centro de caridade e de consultório sentimental. A ela se dirigiam os necessitados por ajuda material ou espiritual, os que procuravam conselhos ou um ombro amigo para chorar mágoas, aliviar tensões ou para dar boas gargalhadas.

Junto de Camila ninguém ficava triste, pois aca-

bava rindo de suas histórias. Fossem reais ou não, ela sabia dar um molho especial levando todos a rirem das situações mais esdrúxulas possíveis. Na cidade todos a conheciam e ela era informada de tudo o que acontecia, exercendo sempre uma influência direta ou indireta para o sucesso de todo e qualquer evento, de aniversário a enterro. Qualquer acontecimento sem sua presença acabava sem graça e logo estava na relação dos esquecidos. Sua presença dava vida a tudo. Ela só não dava jeito na morte.

Certo dia, executando seus afazeres de última hora, tomou conhecimento de que um funcionário havia morrido. De imediato, recusou-se a acreditar no fato por ser uma pessoa de sua relação pessoal. Mesmo assim, encomendou flores e enviou para o velório. Horas depois, ao comparecer ao local para levar seu adeus ao amigo, constatou que o defunto não era quem pensou que fosse. Cumprimentou a todos e saiu.

No dia seguinte, logo cedo, nova informação:

– Camila, o Zé de Ontonho morreu!

– De novo! Não é possível. Desta feita vou verificar primeiro e só depois mandarei as flores.

Ao entardecer dirigiu-se ao local do velório encontrando ainda algumas pessoas, menos o morto velado. Conversou, contou histórias e não resistiu e perguntou à possível viúva:

– E o corpo, onde está?

– Já foi enterrado, filha – respondeu a viúva.

– Mas eu vi o corpo de ontem e não era ele...

– Ah! O de ontem foi o tio. O Zé morreu logo depois do enterro e seu ritual foi hoje pela manhã

– explicou a viúva.

Não satisfeita, Camila se dirigiu ao cemitério para se despedir do colega. De túmulo em túmulo foi procurando a cova do amigo. Ao identificar outros que já haviam partido, ela não resistia e após lembranças, rezava para todos, um pouquinho aqui, outro pouquinho ali. O tempo foi passando até que encontrou a cova mais recente, onde haviam depositado o corpo de seu amigo. Ali chorou, rezou e riu, pois lembrou das pitorescas aventuras do Zé.

Quando se deu conta a noite já tinha chegado e o coveiro trancado os portões do cemitério. Não entrou em pânico, pois o muro era baixo, podendo saltá-lo. Entretanto, ninguém deveria vê-la pulando o muro do cemitério. Não queria virar um comentário macabro. Decidiu esperar um pouco mais, escolheu um canto do muro e pulou. Caiu em cima de um imenso tolete de merda, afundando suas sandálias novas nos dejetos ali depositados.

– Poxa! Depois dizem que pobre não come. Neste tolete tem mais do que um quilo de merda – pensou alto e, sem perder a esportiva, ficou rindo da situação em que estava envolvida: toda arrumada, com o melhor vestido, a sandália nova e os pés literalmente na merda.

Saiu do cemitério andando e deixando um rastro de merda em seu caminho. Algumas crianças ao perceberem a situação saíram atrás da moça gritando:

– Dona Camila está cagando a cidade toda. Onde pisa deixa merda. Dona Camila está cagando na cidade...

E Camila não perdeu o humor e hoje conta a história acontecida como se o fato tivesse ocorrido com outra pessoa, mas nunca mais deixou de sentir aquele o cheiro de merda espalhada por seus pés. Quando pisava em falso ou em alguma coisa não muito consistente nunca mais deixou de verificar se não tinha enfiado novamente o pé na merda.

Defundo trocado

Camila estava desenvolvendo suas tarefas tranquilamente quando seu escritório, na prefeitura da cidade, foi invadido por um pequeno grupo de pessoas simples do sertão. O líder do grupo, usando um gibão de couro característico dos vaqueiros e segurando nas mãos um chapéu amaciado, se anunciou:

– Dona Camila, com sua licença. Meu nome é Arnóbio. A gente tá precisando de sua ajuda pra mandar Quincas prum hospitá da capitá. Ele tá muito ruim, tá fervendo de febre.

– Vixe! Homem. O que é que ele tem? Onde ele está? – perguntou interessando-se pelo caso.

– Ele tá lá no posto. O dotô disse que num pode fazer nadinha. Ele tem que ir pro hospitá e só de

ambulância, mas ela tá quebrada.

– Hum! A coisa está começando a complicar, mas vamos dar um jeito – disse enquanto pegava o telefone e falava com o encarregado dos Serviços Gerais da Prefeitura.

– Medeiros, estou precisando da ambulância para levar um doente para Salvador.

– Sinto muito dona Camila, mas o motor está sendo reparado e o motorista está de férias – respondeu Medeiros não dando muita esperança para o caso.

– Ora Medeiros, você está cansado de saber que quando existe a vontade política o dinheiro aparece e as dificuldades desaparecem. Assim sendo homem, vamos resolver este problema de vida ou morte para não ficarmos com dor de consciência. Veja se dá para adaptar um outro motor na ambulância. Tire de qualquer outro carro, e arranje um motorista. Se vire que o caso é de urgência – sugeriu e enfatizou Camila de forma a não ouvir contestação.

– Ok dona Camila. Vou ver o que posso fazer e te dou um retorno – Despediu-se Medeiros.

Voltando-se para o grupo de cinco pessoas Camila anunciou que tudo seria resolvido apesar do prefeito não se encontrar na cidade. Pediu que um deles fosse até o posto e solicitar que o médico preparasse a papelada para o internamento do Quincas num hospital apropriado em Salvador enquanto ficou aguardando a resposta de Medeiros.

* * *

Duas horas mais tarde, Medeiros entrou em contato para anunciar que havia feito um arranjo, substituindo o motor da ambulância e que a mesma estava pronta. Faltava ela se virar para arranjar um motorista, o dinheiro do combustível e da diária. Imediatamente ela providenciou tudo, escalando o motorista do secretário de Saúde para conduzir a ambulância e se dirigiu para o Posto Médico. Lá foi informada que o paciente deveria ser conduzido para o Hospital Couto Maia, em Salvador, por se tratar de doença infecto-contagiosa grave. E assim Quincas, Joaquim

dos Santos Silva, foi internado.

Passado mais de 30 dias do internamento chegou um telegrama na Prefeitura, dirigido a dona Camila solicitando que mandassem buscar o corpo do Quincas que havia falecido. Recomendavam ainda que o corpo já vinha todo preparado, embalsamado, e que devido a gravidade da doença o caixão não deveria ser aberto sob hipótese alguma e o enterro deveria ser providenciado com urgência.

Foi outro corre-corre: avisar a viúva, providenciar ambulância mais uma vez, diária e motorista. Tudo foi feito pelo social, como manda o figurino. Com Camila era assim, se existiam problemas ela estava ali para resolvê-los.

O corpo chegou, foi rezado, chorado e enterrado. De posse do atestado de óbito, dona Angelina, a viúva, providenciou rapidamente, com a ajuda de dona Camila, a legalização de sua situação junto à Previdência Rural, recebendo de uma vez dois meses da pensão do Quincas que ainda não haviam sido retiradas.

– Dona Camila – disse Angelina – a senhora é o nosso anjo da guarda. Agora vou poder viver melhor com minhas duas filhas. O Quincas nos tratava muito mal, bebia muito e batia em mim e nas meninas. Nunca comprou uma roupinha nova ou uma boneca para meninas. Muito obrigado.

– Disponha dona Angelina, eu estou aqui para ajudar a qualquer um. O serviço social que presto é tão considerado que entra prefeito e sai prefeito e eu continuo na função de atendimento social à população do município. E isto – frisou com voz forte e cheia de confiança – é porque eu resolvo qualquer parada.

Ao deixar o escritório de Camila, Angelina foi direto ao mercado, onde comprou roupas e brinquedos para as filhas, os alimentos necessários e foi tocar sua vida. Tinha um vaqueiro, conhecido do Quincas, que sabia das dificuldades enfrentadas por ela e após a morte do marido aproximou-se da viúva, ainda nova, cheia de vida e que poderia resultar em alguma coisa para ele. Começaram a namorar de imediato.

A vida caminhava às mil maravilhas. Quincas já havia sido esquecido, as meninas estavam ótimas, freqüentando a escola, cuja matrícula foi Camila quem providenciou. Angelina recebia a aposentadoria rural deixada pelo marido e o namoro estava indo bem quando, passados quase cinco meses, dona Camila recebeu um novo telegrama do Serviço Social do Hospital informando que os médicos já haviam liberado Quincas, que após o longo tratamento estava totalmente recuperado e pronto para retornar.

Camila ficou em estado de pânico. Como seria aquilo possível? Entrou em contato imediato com o hospital para saber detalhes daquele absurdo, sendo informada que, devido a um erro de troca de sobrenomes, o corpo para lá enviado era de uma outra pessoa, ou seja, era de Joaquim Silva dos Santos e não o de Joaquim dos Santos Silva. O hospital sentia muito e já havia, inclusive, comunicado à família do outro Joaquim, o Joaquim dos Santos que de fato morrera, a confusão gerada devido à troca dos sobrenomes que eram idênticos e apenas

registrados em ordem invertida.

Diante do inusitado, não sobrou outra alternativa para Camila que de imediato tomou as providências para o retorno de Quincas. Entretanto, ela não se livrou, nem sabe como, dos problemas que passaram a surgir a partir daí.

Ela procurou dona Angelina para comunicar o fato e o boato correu a cidade. Depois de morto, rezado, chorado e enterrado pela família, pelos amigos e até desafetos, ninguém acreditava que Quincas Silva havia ressuscitado e estava chegando àquela tarde na cidade. O povo se dirigiu para a praça principal, onde estavam instaladas, de um lado, a sede da Prefeitura, e do outro lado, a Igreja Matriz. Até o vigário, que rezou a missa de corpo presente e participou do funeral de Quincas estava curioso. As fofocas corriam de boca em boca e os bares que funcionavam na praça estavam lotados. Todos aguardando o retorno do morto vivo.

Dona Angelina não acreditava e não aceitava o fato. Sua vida havia mudado e não queria o Quincas

de volta. Aliás, ninguém o queria, nem as filhas, nem o Tobias, o namorado dela, nem os vizinhos e desafetos. Tobias e Angelina haviam se encarregado de fazer um movimento para expulsar da cidade o morto vivo. Ninguém queria saber do mesmo por aquelas bandas.

Dona Camila nunca havia se defrontado com um problema igual e não sabia o que fazer. Já havia procurado o padre e o delegado, pois, coincidentemente, o prefeito estava viajando mais uma vez. Tinha ido a Brasília, numa comitiva de prefeitos baianos, para reivindicar verbas para a educação e saúde. Imaginem que a Prefeitura recebia uma verba federal para que o município zerasse o índice de mortalidade infantil no primeiro ano de vida. Como o programa atingiu plenamente os objetivos perdeu a verba. Dona Camila e o prefeito estavam preocupados, pois sem aquele dinheiro as mortes, possivelmente voltariam a acontecer no município. Era necessário dinheiro para dar continuidade ao projeto e os burocratas de Brasília não compreendiam

aquilo, pois a partir do momento em que os objetivos traçados haviam sido alcançados, simplesmente, o convênio era encerrado e a verba passava a ser destinada a outro município.

Um problema social a mais a ser resolvido entre tantos outros não impediria a vida continuar. Dona Camila tinha certeza que seu prefeito saberia convencer as autoridades visando a manutenção da verba e do programa para sua cidade, mas ela também estava disposta a encontrar outros meios criativos para manter o índice obtido com muita determinação e sacrifício. Aquela vitória elevava o moral do município que passou a ser notícia até nos telejornais das redes de televisão e notícia publicada nos jornais da capital. Mas, naquele momento, sua preocupação era o morto vivo. Camila imaginava que talvez o juiz fosse o único que pudesse resolver aquele impasse, mas ele só estaria na cidade na última semana do mês. O padre saiu debaixo e disse que a situação agora passou a ser um problema que só poderia ser resolvido pela Justiça, que teria que reparar os da-

nos e devolver a cidadania a Quincas. Mas, diante de como o quadro se apresentava na cidade, ele também não sabia como poderia ajudar Camila a encontrar uma solução viável.

Antenor Ferreira, responsável pelo posto da Previdência Rural, também queria fugir do problema, afirmando que tudo foi feito legalmente, conforme as normas. E por isso não poderia desfazer todo o processo realizado e que ele desconhecia a existência de um documento, tipo Atestado de Vida, que substituísse legalmente o Atestado de Óbito apresentado com testemunhas e que até o cartório já havia registrado. Portanto, para todos os efeitos legais Joaquim dos Santos Silva, o Quincas, estava morto e ponto final.

Segundo ele informou a dona Camila:

– Este é um problema burocrático muito grande e que aqui na cidade, eu, Antenor Ferreira, não posso fazer nada. Talvez na Capital ou em Brasília, com a influência de algum deputado, talvez fosse encontrado um jeitinho, mas isso levaria muito tem-

po e até lá o Quincas que não morreu poderia até já ter morrido e a situação continuaria como está.

– Concluindo, aconselhou – É melhor não mexer em casa de vespeiro, pois se fossem mexer seria pior do que merda no ventilador, pois quem mete a mão em cumbuca acaba se ferindo.

* * *

O tempo estava passando e enquanto todos aguardavam a chegada de Quincas Silva, o morto vivo, Camila recebeu um telefonema dos familiares do Joaquim Silva dos Santos reclamando que queriam o corpo do pai, marido, irmão e tio de volta para ser rezado, chorado e enterrado dignamente na cidade natal. Dona Camila implorou que não fizessem isso, pois ele havia morrido de doença contagiosa e nem o caixão deveria ser aberto quanto mais o corpo exumado. Imaginando os problemas de contaminação que poderiam advir daí. Mas os familiares estavam inconformados e queriam ou o

corpo ou uma indenização da prefeitura. Imediatamente Camila resolveu adiar o problema informando que quando o prefeito retornasse da viagem, o que coincidiria com a presença do juiz na cidade, ela entraria em contato com a família para apresentar uma solução. Sua proposta foi aceita e ela retornou ao problema daquele momento: a chegada do Quincas Silva, o morto vivo na cidade.

Quando o sino da Matriz repicou anunciando a hora do Angelus, 18 horas, a ambulância ia parando na porta da Prefeitura. Os curiosos logo se acercaram para ver o morto vivo, para tirar as dúvidas e confirmar a veracidade do fato. Ao descer do veículo Quincas sentiu o peso da pressão popular em seu redor. Muita gente já tinha esticado o braço para apalpá-lo, para sentir que era de verdade e que estava vivo mesmo. Como ele não gostou, começou a praguejar e muita gente saiu de perto do morto vivo correndo de medo. Como é que aquilo podia estar acontecendo? Todos assistiram ao enterro do homem e agora ele retornava “vivilho da Silva”,

procurando seus direitos e ninguém o queria lá:

– Fora Quincas, você morreu! – gritava Tobias e Angelina logo imitados por crianças, homens e mulheres – Aqui não é seu lugar! Vá embora.

Aturdido o homem não sabia o que fazer. Quanto mais gritavam, mais ele se enfezava e acabou pegando um porrete que encontrou no chão e começou a ameaçar o grupo que procurava intimidá-lo. Passou a desferir porretadas para todos os lados atingindo pernas e braços indistintamente, de homens, mulheres e crianças. Foi um grande alvoroço até que o delegado chegou com mais dois policiais e levaram Quincas para a delegacia dispersando o povo. Mesmo assim alguns resolveram fazer vigília na porta da delegacia exigindo que o Quincas, o morto vivo, fosse embora. Até uns cartazes feitos em cartolina e escritos com pincel atômico apareceram com mensagens variadas: “Quem morreu, morreu. Aqui não é seu lugar”, “Quincas, você não existe mais, vá embora”, “Lugar de morto é no cemitério” e outras manifestações como grupos gri-

tando palavras de ordem: “Vá embora, Quincas, aqui não é seu lugar”.

Angelina, Tobias e as meninas estavam preocupados. O retorno de Quincas poderia complicar a boa vida que estavam tendo. Até o Arnóbio, que era amigo do Quincas e que solicitou o envio dele para o hospital de Salvador estava preocupado e não queria se envolver. Camila observava tudo com muita preocupação. Ela já estava plenamente consciente de que tinha que arranjar uma solução para Quincas, mas ele não podia ficar na cidade. Assim resolveu ir até a delegacia para conversar com o delegado e com ele.

* * *

O delegado recrutou mais homens armados para reforçar a segurança em torno da delegacia que estava cercada pela turba que continuava protestando. Ele passou a se sentir responsável pela vida do morto vivo. Ele temia a possibilidade de um linchamen-

to. Com tanta revolta, misto de medo e curiosidade da população, tudo poderia ocorrer. Esta era uma situação que ele precisava controlar. Estava dando ordens a seus agentes quando Camila entrou.

– Ah! Dona Camila. Isto aqui está um inferno. Como é que a gente vai resolver esta parada – perguntou o delegado Aguiar.

– Como isto vai se resolver eu não sei ainda, mas que uma solução será encontrada não tenha dúvidas – respondeu Camila sugerindo que os dois fossem ter uma conversa com Quincas.

Entraram na cela e encontraram um homem assustado e deprimido. Que não queria falar.

– Você está vendo só o que está ocorrendo Quincas? – perguntou Camila – Todo mundo acredita que você morreu e seu retorno vai mudar muita coisa. Teremos muitos problemas para resolver inclusive provar que você continua vivo. – Disse Camila aproveitando para relatar tudo o que havia acontecido desde o momento em que ele foi enviado para o hospital, passando pelo anúncio de sua

morte, o seu enterro até seu retorno à cidade.

– Ué! Quer dizer que morri, me enterram e ninguém me disse nada. Eu estou que nem corno, sou o último a saber...

– desabafou Quincas perguntando entre soluços:

– E agora, o que será de mim e de minha vida? ...Nem minha mulher me quer mais... – ficou se lamentando.

– Pois é homem – disse o delegado Aguiar – . O problema agora é que você existe e ao mesmo tempo não existe. Para todos os efeitos você morreu e foi enterrado e a população da cidade não quer nem saber de ouvir falar de você e de sua presença por estas bandas temendo que a cidade vire tema de piadas e passe a ser conhecida como a terra do morto vivo. Mas também temos alguns comerciantes que estão adorando isto porque a situação pode trazer muitos turistas para cá, onde gastarão seus reais com comida, hospedagem, bebida etc e tal. Em resumo, para muita gente você é um problema e, para outros, você é uma solução para tirar o mu-

nicípio do marasmo. O que você tem a dizer?

– Não sei de nada, delegado. Só sei que estou vivo, mas parece que não será por muito tempo, não é mesmo? Deu para sentir que se eu não me mandar tem gente aí fora que é capaz de me matar de uma vez, não é? – perguntou Quincas.

– É mais ou menos assim... – disse o delegado que foi interrompido por Camila:

– Mas talvez possamos lhe dar uma outra vida, arranjar novos documentos, lhe dar um novo nome e você ir embora de vez. O que acha?

– Não pensei nisso não. A verdade é que estou mesmo é com medo do povo aí do lado de fora. Não que eu tenha medo da morte, pois sou homem de raça acostumado a enfrentar qualquer parada, mas nunca enfrentei uma multidão enfurecida. E o pior é que não lembro de ter feito nada de mais, ou ter causado algum mal a qualquer um deles para que me queiram ver longe daqui nem que seja morto. Querem saber de uma coisa? Não quero mais falar do assunto – disse Quincas encerrando aquela

conversa e voltando a sentar-se no canto da cela novamente envolto em seus pensamentos.

Camila e o delegado se retiraram. Camila tentou ainda convencer algumas pessoas a irem embora, que Quincas não tinha morrido e que ele merecia outra oportunidade, mas não conseguiu nada. Ela deixou a área da delegacia e foi para casa pensando numa solução para o caso, mas ela sabia que a solução estava além de suas forças e capacidades. Naquela noite não conseguiu dormir direito, acordando a todo instante com pesadelos.

Na manhã seguinte, bem cedo, o delegado apareceu em sua casa e com ar assustado foi logo dizendo:

– O homem se matou – informou de maneira seca e de uma vez só sem dizer mais nada.

– Como assim, se matou? – estranhou Camila.

– Pois é, dona Camila – disse tomando fôlego e procurando medir as palavras – Hoje de manhã quando foram levar o café para o Quincas ele estava pendurado nas grades da cela. Enforcou-se com a própria camisa. Isto é uma tragédia – lamentou.

– Bom – disse Camila suspirando – Deus escreve certo com linhas tortas. De alguma maneira o destino de cada um é sempre cumprido, não importa como. Agora poderemos resolver o problema e dar continuidade à vida. Vamos providenciar o caixão e enterrá-lo sem qualquer alarde. Ninguém precisa ficar sabendo e não vamos precisar de novas papeladas, pois legalmente ele já estava morto mesmo não é? Informaremos a quem perguntar que Quincas fugiu durante a noite, não deixando rastros e como não era procurado nem a polícia vai sair em seu encalço.

O delegado concordou com a solução e saiu para providenciar.

* * *

Quando o relógio marcava 10 horas da manhã chegou um senhor na prefeitura procurando por dona Camila. Ele se apresentou como sendo Candido Soares, da Funerária Vá Com Deus, re-

presentante da família de Joaquim Silva dos Santos, e que, exibindo uma procuração, estava ali para levar o corpo no caixão que ele trouxe.

Dona Camila não acreditou naquilo, pois a família tinha aceitado sua proposta, mas a chegada daquele homem foi muito providencial. Perguntou se ele sabia o que estava acontecendo e o homem disse que sabia pouco, mas tinha uma noção. Ela aproveitou para relatar toda a história depois que foi informada de que ele estava ali cumprindo uma missão e que estava ganhando uma “nota preta” para cumpri-la, não tendo nenhum vínculo com a família. Ela fez uma exposição detalhada da situação, destacando a causa da morte e que o caixão não poderia ser aberto etc e tal. O homem, demonstrando muita preocupação, concordou que seria muito perigoso, inclusive para ele mesmo, transportar aquele caixão. Mas, quando dona Camila contou o resto da história, com o retorno de Quincas, o suicídio na delegacia e a possibilidade de levar um caixão, mas com o morto trocado,

para que ele fosse rezado, chorado e enterrado dignamente como o outro havia sido, ele sorriu e concordou plenamente. Os nomes eram semelhantes, ninguém iria poder abrir o caixão que chegaria lacrado e resolveria o problema de todos.

Camila imediatamente entrou em contato com o delegado, acertaram tudo e o representante da família, pôde partir com o corpo de Joaquim dos Santos Silva, devidamente embalsamado, para ser enterrado como se fosse Joaquim Silva Santos em outra cidade, depois de rezado e chorado. Mais uma vez, na concepção de dona Camila, Deus escreveu certo com linhas tortas. Era por isso que ela acreditava no destino. Cada um tem o seu e cumpre tudo direitinho aqui na terra. Quando chega a hora, vai de qualquer maneira, querendo ou não.

Roubaram o defunto

A cidade amanheceu num zum-zum-zum danado. Era fofoca pra todo lado. Ao gabinete de dona Camila, naturalmente, as notícias chegavam sempre frescas e muito antes de ganhar as ruas. A notícia do dia, na rádio corredor, cuja audiência era ampla, não se limitava ao prédio da repartição, dava conta em detalhes de que um engenheiro agrônomo que prestava serviços aos produtores do município havia morrido na casa de dona Elza. Até aí tudo bem, pois qualquer um pode morrer e para isto basta estar vivo. Mas, quando se fala de um homem de fora, não residente na cidade, e na casa de dona Elza... a coisa muda. Tudo passa a ter nuances diferentes. Isto porque dona Elza, além de ser uma viúva jovem e muito rica, tinha uma repu-

tação acima de qualquer suspeita. Freqüentava a Igreja da cidade diariamente. Não fosse pela juventude ainda viçosa, seu comportamento poderia contribuir para ser classificada como uma velha beata rezadeira. Ela passava uma postura recatada e mantinha um comportamento ortodoxo, para não dizer quadrado.

O que estava causando alvoroço e fofoca era o fato do Jaime, o tal engenheiro, ter morrido na cama de dona Elza, que, sem outras alternativas, teve que chamar um médico, para dar o atestado de óbito, e o delegado, para promover a remoção do corpo e providenciar o enterro. Ela esperava contar com a cumplicidade e discrição dos dois, mas não impediu que os ajudantes do agente funerário local, que retiraram o corpo, deixassem de comentar o caso em bar na Praça da Matriz.

Segundo eles, o tal Jaime estava transando com dona Elza, que era o sonho de consumo dos homens da cidade devido à sua beleza e formas, nada nela era demais nem nada estava faltando. Elza era

perfeita para os machões da cidade. O agrônomo deve ter tomado algum remédio, destes cuja propaganda diz que mantém ereção por 36 horas, para poder dar conta do Boeing que dona Elza era. O fato é que se sentiu mal e morreu de pau duro, mais de 20 centímetros de mastro, que ficou à mostra mesmo depois do homem vestido. Não fecharam a braguilha da calça e “aquilo” ainda deu trabalho para fechar o caixão.

Um dos agentes lembrou de soluções para casos parecidos e que corriam o país na forma de piadas. Uma delas, muito antiga relata que cortaram o membro do defunto e como não tinha um lugar apropriado para guardá-lo no caixão e para que não ficasse como uma peça solta, o enfiaram na bunda do dito cujo. Riram da piada, mas tinham que manter o Jaime inteiro, preservado como estava, pois esta tinha sido a ordem da viúva. Tudo bem, quem paga pode exigir e ditar as normas e esta era uma regra muito clara na Funerária Boa Viagem: satisfazer os desejos do defunto ou quem

estava pagando o enterro. Os desejos de dona Elza foram cumpridos e o corpo seguiu para o cemitério onde seria velado na capela até a hora do enterro. Na capela a tampa do caixão foi retirada para o velório e só seria recolocada depois de rezada a missa de corpo presente. Para disfarçar, ou melhor, para esconder o membro rígido da vista dos curiosos, usaram muitas flores e corbelhas.

Como a morte ocorreu no final da tarde o corpo foi mandado para capela já de noite, permanecendo exposto para o ritual do velório. Jaime foi vestido com o melhor terno do ex-marido de dona Elza e ornado com seus próprios pertences, tais como óculos de armação importada, relógio Rolex – possivelmente destes falsificados e contrabandeados do Paraguai –, pulseira e correntão de ouro.

Como esperado, ao velório não deveria comparecer nenhum vivo, pois fora dona Elza e os clientes do defunto, ele era um desconhecido na cidade. Entretanto, após os comentários dos agentes funerários no bar da Praça da Matriz, a notícia se

espalhou, atiçando a curiosidade de homens e mulheres. A partir daí, durante toda a noite, o defunto recebeu visitas isoladas de pessoas que sorrateiramente se esquivavam entre uma árvore e outra até chegar à capela, conferir o mastro da bandeira e se retirar da mesma forma, sem chamar atenção. Até parece que tudo foi combinado, pois nenhuma das mulheres ou nenhum dos homens que visitaram o defunto naquela noite foram vistos por outro ser vivente. Tudo em segredo como manda o figurino e as práticas dissimuladas das pequenas cidades.

A maior fofoca daquela manhã, não era nem o fato do defunto ter morrido na cama de dona Elza, nem tão pouco ter morrido daquela forma tão insitada. A coisa era muito mais fantástica, pois um amigo do alheio aproveitando-se da situação, da ausência de pessoas e de vigilância específica, aproveitou-se da ocasião e roubou tudo do defunto. O ladrão levou tudo, o caixão, as flores, as roupas e adereços. Deixou o corpo completamente nu e no chão da capela. E o pior de tudo não foi o roubo,

pois o defunto foi violado ali mesmo no chão, não se sabendo ainda se por mulher ou homem, melhor dizendo um enrustido ou veado assumido. Isto porque o mastro do defunto estava sujo de merda e só a perícia da polícia poderia determinar o sexo do violador.

Mais uma vez dona Camila foi acionada, pois o prefeito não se encontrava na cidade. De imediato ela se dirigiu ao cemitério acompanhado do delegado que tinha isolado a área não permitindo a entrada dos curiosos. Do lado de fora as pessoas se aglomeravam querendo ver o defunto.

– E aí, delegado, como vamos resolver este problema – perguntou dona Camila.

Coçando a cabeça de tanta preocupação, o delegado, que nunca ouviu falar de coisa semelhante, não sabia o que fazer. Os dois foram até à Capela e examinando o local, o delegado encontrou um tubo de creme vaginal jogado a um canto da capela, levando-o a concluir rapidamente:

– Diante deste tubo, dona Camila, acho que o

estuprador do defunto foi uma mulher!

– Não sei não, delegado – contestou indignada dona Camila –. Uma mulher, entre todos os visitantes da noite, pode até ter desfrutado do defunto... Mas, por que o membro dele está sujo de bosta? Isto me leva a concluir que alguém pode ter sentado aí também e este alguém pode ter sido um homem, que também tem o mesmo artigo que as mulheres possuem atrás, não é verdade?

– Neste ponto a senhora tem razão. Concordo – disse o delegado acrescentando – , mas não interessa saber quem, se homem, mulher ou veado, pois isso não vai acrescentar absolutamente nada para esclarecer o caso. O estupro e o roubo foram cometidos e não temos como descobrir por quem. As flores foram espalhadas por todas as covas existentes no cemitério. As roupas e as jóias não serão usadas por aqui e provavelmente elas serão vendidas fora, em outra cidade. Quanto ao caixão, não imagino nem o que foi ou pode ter sido feito dele...

– O senhor está sugerindo que este crime de

necrofilia vai ficar impune? – perguntou Camila.

– Sim, estou – afirmou o delegado. – E agora devemos providenciar o enterro com urgência e esquecer o fato, caso contrário esta cidade vai cair no folclore nacional e não é de interesse de nenhum de nós, não é verdade? Então vamos cuidar de manter isto como mais uma de nossas histórias e que fique só aqui na cidade como as outras já existentes – enfatizou o delegado.

Diante dos argumentos do delegado, dona Camila não conversou mais. Pegou o celular e solicitou que a funerária ... providenciasse tudo com rapidez. E assim foi feito. Como não tinham novas roupas para o morto, resolveram cobri-lo com um lençol e fecharam o caixão. O padre foi chamado para rezar a missa de corpo presente e o portão do cemitério liberado. Até hoje nunca se viu naquela cidade um enterro tão concorrido quanto o do agrônomo Jaime.

Quando soube do acontecido, dona Elza desapareceu e nunca mais foi vista na região. A cidade

voltou à mesmice do dia-a-dia e aquela história só era comentada em pequenos grupos que ainda tentavam decifrar o sexo de quem havia estuprado o defunto. E o pior, quem teria sido a pessoa? Diante da constatação de que todos, homens e mulheres, eram suspeitos e ninguém nem ao menos confirmava ter ido visitar o corpo do defunto naquela fatídica noite para matar a curiosidade, verificando o tamanho do mastro que tinha tão bem servido a dona Elza desde que ela ficou viúva, aos poucos o assunto foi sendo esquecido em público. Mas, com toda certeza, nenhum ser vivente, nascido naquela cidade, jamais esquecerá aquele fato e possivelmente cada um deles levará suas lembranças para o túmulo.

A ressurreição de Lindolfo

Numa festinha de aniversário da neta do velho Lindolfo Lustrosa, quando todos bebiam e comiam à vontade, ele aproximou-se de dona Camila e disse:

– Preciso te fazer um pedido. A senhora é a única pessoa que vai entender e me ajudar. Eu sou portador de uma doença que pode me atacar a qualquer momento e eu posso até morrer de medo do que pode acontecer, sem estar de fato morto.

– Vixe! Homem que coisa mais trágica é esta!? Perguntou dona Camila.

– O caso é o seguinte, Camila. Já aconteceu comigo uma vez lá em São Paulo, mas lá os médicos sabem das coisas e nada de grave me aconteceu. Mas por aqui, neste buraco onde Judas perdeu as botas, eu tenho medo de ser enterrado vivo..., pois

sofro de catalepsia patológica...

– O quê, homem? Isto é contagioso? –
perguntou Camila com ares de alarmada.

– Não, dona Camila. Mas ninguém pode saber de nada. Só estou contando à senhora porque sei que comparece a todos os velórios e se por acaso algo venha a ocorrer comigo não deixe que me enterrarem. Segure o enterro por pelo menos 24 horas. Eu confio na senhora...

– Mas como eu vou fazer uma coisa dessas, seu Lindolfo?

– Não sei, mas quero que me prometa que não vai deixar me enterrar. Nem meu filho nem minha nora acreditam em mim e dizem que estou ficando broco, mas é verdade, dona Camila, você promete? – perguntou agarrando o braço de Camila com um olhar de súplica e misto de loucura. Para se livrar ela concordou, mas ficou encafifada com aquela história.

– Quando chegou em casa, ela foi direto ao computador fazer uma pesquisa na Internet sobre aquela doença, encontrando respostas à sua pergunta na

Wikipédia, a enciclopédia livre:

“Catalepsia patológica é uma doença rara em que os membros se tornam moles, mas não há contrações, embora os músculos se apresentem mais ou menos rijos, e quem passa por ele pode ficar horas nesta situação. A catalepsia patológica ocorre em determinadas doenças nervosas, debilidade mental, histeria, intoxicação e alcoolismo.”

Camila ficou deveras impressionada, principalmente quando encontrou histórias sobre pessoas que haviam sido enterradas vivas quando na verdade não haviam morrido, apenas estavam passando pela catalepsia patológica, cuja manifestação pode ocorrer a qualquer momento e sem aviso prévio e a pessoa pode perder totalmente sua sensibilidade exterior e a única coisa que diferencia este estado da morte é que neste processo não existe a putrefação muscular. Ela ficou sabendo que muitas pessoas que haviam sido enterradas em estado cataléptico, quando tiveram seus corpos exumados, passaram a ser a prova de que haviam sido enterradas vivas, pois

seus corpos haviam mudado de posição e deixavam muito claro o desespero que haviam sentido, causado pela asfixia. O desespero dos asfixiados estava registrado nas partes internas dos caixões, cujos forros estavam rasgados e as madeiras arranhadas pelas forças das unhas daqueles que, desesperados, ao acordarem da catalepsia, lutavam em vão para sair do caixão. Em outros casos, algumas pessoas tiveram mais sorte e despertaram do torpor quando ainda estavam sendo veladas.

Naquela noite Camila não conseguiu dormir imaginando a cena de desespero dos que morreram asfixiados dentro dos caixões e sob a terra e ao mesmo tempo não deixou de sorrir imaginando a possibilidade daquele considerado como morto ressuscitar durante o próprio velório, causando histeria coletiva com as pessoas correndo para todos os lados, morrendo de medo. Esta realmente seria uma situação hilária, mas que a deixou muito preocupada, pois acabara de prometer ao velho Lindolpho que não deixaria que o enterrasse sem ter a confir-

mação de que morrera de verdade. Será que ela cumpriria a promessa? Como fazer para acompanhar a vida do velho?

Diariamente ela passava na frente da casa do velho e perguntava por ele. Sua nora, Estelita, informava que ele continuava vivo, mas estava ficando maluco com a idéia fixa de que iam enterrá-lo vivo:

– Imagine, Camila, o velho fala tanto nisso que as pessoas já o estão evitando. Ele segura as pessoas no meio da rua para falar que ele tem medo de ser enterrado vivo. Ele tem sido um constrangimento para mim e para Helio também. Aliás, meu marido teme que no dia que seu pai morrer ninguém nem vai ao cemitério de tão chato que ele está – disse a nora de Lindolfo.

– Mas você precisa compreender a velhice, mulher! Nós também vamos ficar velhas e precisamos aprender com eles todo este processo de envelhecimento que passa também por estas paranóias – disse Camila, despedindo-se e solicitando que a mantivesse sempre informada.

Passados alguns meses Camila ficou sabendo que o velho, ao que tudo indica, finalmente tinha morrido. Ele tinha estado internado em São Paulo, em um sanatório por apresentar uma certa debilidade mental. Tendo se recuperado, voltou para a terrinha para viver o resto de seus dias em companhia do que restava de sua família, o filho Hélio, a nora Estelita e a neta Carla. Ao ser informada da morte do velho, imediatamente dona Camila se lembrou da promessa feita e procurou Hélio compartilhando sua preocupação. Hélio menosprezou a situação e comentou que a morte de seu pai chegou num momento propício, pois ele estava sofrendo muito com a impossibilidade de andar, devido a uma queda que o imobilizou na cama por causa de fratura de uma das pernas. Lindolfo estava beirando os 80 anos e sempre foi muito ativo, mas depois do internamento em São Paulo voltou completamente paranóico com aquela idéia fixa de que iam enterrá-lo vivo. Camila não ficou muito satisfeita com as explicações e perguntou:

– Quando foi que ele morreu?

– Ele morreu dormindo, não sabemos precisar a hora. Logo cedo procuramos o médico, mas ele não se encontrava na cidade, pois foi fazer um parto em um dos distritos do município, mas o delegado conferiu o corpo e autorizou o enterro. O corpo está sendo velado na capela do cemitério e deverá ser enterrado até as cinco da tarde. Como vai haver pouca gente no enterro eu contratei até umas carpideiras para molhar um pouco o ambiente com suas lágrimas e rezas encomendadas – disse Hélio.

Camila conferiu o relógio que marcava 15 horas. Então se despediu avisando que estava se dirigindo para o velório. Lá estavam algumas pessoas além das carpideiras, rezando e chorando, estavam alguns curiosos, pois qualquer enterro na cidade acabava sendo sempre um acontecimento e quem não tinha nada para fazer aos enterros compareciam para dar o último adeus ao morto, por ser amigo ou parente, ou simplesmente para preencher o tempo. Os comentários, naturalmente, giravam em

torno do fato do velho sempre ter afirmado, em seus delírios, que iam acabar enterrando ele vivo. A curiosidade dos presentes era grande e todos se aproximavam do caixão para verificar direito, cutucando o corpo com o dedo indicador para ver se havia alguma reação.

Camila se aproximou do corpo e também fez sua verificação, constatando que o corpo estava rijo, sem apresentar qualquer pista de que o Lindolfo estivesse vivo e então, bem baixinho, quase cochichando começou a falar para o velho:

– Sêo Lindolfo, não sei se o senhor está vivo ou morto. Sei que prometi não deixar enterrá-lo logo e por isso vou tentar atrasar o máximo...

– O que você está dizendo dona Camila? – perguntou uma das carpideiras que se encontrava próxima – A senhora está dizendo que ele pode estar vivo? Se estiver é melhor dar logo um sinal, pois para mim ele está é mortinho da Silva.

– Que sinal coisa nenhuma – respondeu Camila. A doença que ele tem é assim mesmo, todo mundopensa

que morreu e, de repente, pumba! Ele levanta...

– Deus é pai! Valhei-me minha Nossa Senhora da Purificação – resmungou a carpideira que continuou na sua sessão de choro e de reza, afastando-se de Camila e se posicionando entre os candelabros colocados um de cada lado dos pés do morto.

Camila se dirigiu para onde estava a família e alguns amigos. Estavam comentando as loucuras do velho quando de repente a carpideira começou a gritar:

– Socorro! O morto tá me puxando – e saiu correndo e arrastando o candelabro que estava preso no xale preto que usava.

Foi um Deus nos acuda. Todo mundo correu e só depois de examinarem tudo constataram que Lindolfo continuava do mesmo jeito. O que ocorreu foi que ao mudar de posição o xale da carpideira enganchou no candelabro o que lhe pareceu que alguma coisa a estava segurando ou puxando, levando-a a entrar em pânico. Mas, dona Camila viu aquilo como um sinal e conversou com o padre e com Hélio sobre o que havia lido a respeito da doença. O

padre tinha conhecimento de casos relatados pela ciência, o que ajudou a convencer Hélio a aceitar a possibilidade de só enterrá-lo mais tarde, ou se fosse possível, na manhã seguinte, bem cedinho.

Todos concordaram e passaram a noite em vigília. A fofoca correu na cidade dando conta de que todos estavam no cemitério aguardando o velho ressuscitar, apesar de estarem com medo da situação, pois aquilo era coisa do outro mundo, nem chegava perto da história acontecida com o Quincas, que a população não esquecera, mas agora era diferente. O caso de Quincas, com o passar do tempo, todo mundo entendeu, mas este caso... de acordar depois de ter morrido é um fato novo e que vai dar muito pano pra manga, ou seja muita bucha para o lero-lero nos bares da cidade.

Durante a noite vários vendedores ambulantes se instalaram também no cemitério, vendendo comidas e bebidas. Tudo levava a crer, pela quantidade de curiosos, praticamente acampados no cemitério, que ninguém dormira. Todos, homens, mu-

lheres e crianças estavam ali para testemunhar a “ressurreição” do velho Lindolfo. Trovadores e cordelistas faziam versos e desafios sobre a ida de Lindolfo ao inferno, sua passagem pelo purgatório, visita ao céu, voltando vitorioso para a terra, trazendo mensagens de paz e de esperança para cumprir sua missão por aqui. Os representantes dos centros espíritas da cidade também estavam lá, fazendo reuniões extras e algumas pessoas haviam até incorporado algumas entidades. O burburinho era grande e, quando o dia amanheceu, o padre compareceu para rezar a missa de corpo presente e então autorizar o enterro. As pessoas continuavam conferindo o corpo. Lindolfo recebeu tantas cutucadas que se realmente acordasse ia apresentar manchas roxas por todo o corpo. Houve até quem usasse agulha para espetar o velho, acreditando que se vivo ele estivesse, reclamaria.

Quando o ritual começou, houve um silêncio total em respeito ao momento. Todos acompanharam a missa, rezando junto com o vigário. No mo-

mento em que ele benzia o corpo com água benta, ouviu-se um forte espirro e muitos ainda puderam ver as flores que cobriam o Lindolfo sendo jogadas para cima e para fora do caixão. Muita gente saiu correndo, outros, mais corajosos, permaneceram encolhidos de medo e rezando, mas longe do caixão. Do lado de fora, as pessoas gritavam coisas tais como: “Lindolpho ressuscitou!”, “O velho voltou!”, “O homem está vivo!”,

Camila suspirou, agradeceu a Deus e se acalmou enquanto ajudava o padre e o filho do velho a retirá-lo do caixão, providenciando uma cadeira para colocá-lo.

– Camila – gritou o velho Lindolfo com voz embargada –, muito obrigado. Só você acreditou em mim! Muito obrigado, muito obrigado – ficava repetindo e chorando.

Depois, quando as coisas se acalmaram, Lindolfo foi levado para casa e Camila seguiu com a família. Lá, quando tudo estava sob controle, Lindolfo contou:

– Vocês não podem imaginar o que é estar ali deitado num caixão de defunto, sendo o centro das atenções de todos, todo mundo achando que você morreu, ouvindo tudo o que estavam dizendo e não poder dizer nada... é um desespero, dona Camila...

– dizia o velho se desmanchando em lágrimas. Se achavam que eu estava louco, eu acho que fiquei doído mesmo foi durante o tempo desta morte mentirosa. A minha sorte é que eu não sentia os beliscões, as cutucadas e agulhadas que me deram para constatar se eu estava mesmo morto. Quando ouvi suas palavras de que iria retardar o enterro, criei forças para agüentar a situação – acho que paguei todos os meus pecados com o que sofri durante essa noite... Quero lhe agradecer de novo por tudo e espero que Deus a compense de alguma forma por tudo o que me fez e o que tem feito por esta cidade. – Camila ouvia em silencia e emocio- nada deixava também cair algumas lágrimas, mas era lágrimas de alegria por ter salvo sêo Lindolfo.

– Outra coisa que me agradou – disse o velho –

foi minha netinha. O tempo que ficou perto do caixão ela dizia que estava rezando pelo vovô e com certeza suas preces foram ouvidas.

E assim, dona Camila esteve mais uma vez envolvida em outra história extraordinária que teve como palco mais uma vez um funeral. Sua fama espalhou-se na região como sendo a de uma mulher retada, que apesar de dizer que só não dava jeito na morte, aquilo também já era possível, pois até morto já havia ressuscitado com sua ajuda.

Quem é Sérgio Mattos

Sérgio Augusto Soares Mattos, filho de Maria Helena Soares Mattos e de José de Castro Mattos, nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia primeiro de julho de 1948. Desde 1959, vive em Salvador, tendo recebido o título de Cidadão Baiano, outorgado pela Assembléia Legislativa. Diplomado em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia em 1971, Mattos é pós-graduado em Comunicação, com Mestrado e Doutorado pela Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos. Foi o primeiro doutor da Faculdade de Comunicação da UFBA, tendo sido também responsável pela orientação da tese do primeiro doutor formado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Contemporânea da Facom/ UFBA. Mesmo dedicando-se à pesquisa e ao ensi-

no, não abdicou de atuar no mercado e sempre se manteve no exercício do jornalismo diário, em inúmeras funções editoriais nos jornais baianos. É também poeta com oito livros publicados e compositor com dezenas de composições gravadas por diversos intérpretes, sendo que possui quatro CDs individuais com suas composições.

No ano de 2000 foi o vencedor do Prêmio de Comunicação Luiz Beltrão, na categoria de Maturidade Acadêmica. O prêmio foi outorgado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que congrega mais de 500 pesquisadores da área. A outorga do troféu ocorreu durante o XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Manaus, Amazonas. O Prêmio Luiz Beltrão de Ciência da Comunicação tem a finalidade de reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades ou nos centros de pesquisa, valorizando a atuação individual e coletiva. A meta é sinalizar, anualmente, para as novas gerações, quais

as pessoas ou instituições que apresentaram contribuições relevantes para o campo das Ciências da Comunicação.

Sérgio Mattos foi diretor-coordenador da Coepp – Coordenação de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação Unibahia – Unidade Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão, no município de Lauro de Freitas - BA, além de ter sido o coordenador que implantou os cursos de Jornalismo e Relações Públicas das Faculdades Integradas Ipitanga mantidas pela Unibahia. Completando suas atividades profissionais, Sérgio Mattos ocupou a função de editor dos suplementos de Municípios e Rural do jornal *A Tarde*, de Salvador até fevereiro de 2003. Foi o diretor de redação responsável pela criação e implantação da revista *Neon*, de arte cultura e entretenimento, que circulou de janeiro de 1999 a dezembro de 2004. Paralelamente a estas funções profissionais, Sérgio Mattos foi presidente fundador do IBL – Instituto Baiano do Livro, e presidente fundador da Alas – Academia de Letras e Artes de Sal-

vador. Na década de 1980 do século passado foi diretor do Instituto de Radiodifusão Educativa do Estado da Bahia – Irdeb, quando foi responsável pela elaboração dos projetos para a implantação da TV Educativa da Bahia.

Sérgio Mattos é autor de inúmeros trabalhos acadêmicos, tendo escrito dezenas de artigos e capítulos de livros na área da comunicação. Dentre seus trabalhos estão os seguintes títulos de teses, livros e plaquetas:

The Impact of Brazilian Military Government on the Development of TV in Brazil (Tese de Mestrado), 1980.

The Development of Communication Policies Under de Peruvian Government, 1981.

Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A case Study of Brazil (Tese de Doutorado), 1982.

The Impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television, 1982.

IRDEB – Relatório das atividades de 1983/1984. Comunicação, Desenvolvimento e Segurança Nacional, 1988.

Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história, 1990. Censura de Guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico, 1991.

A Tarde Municípios: uma experiência jornalística voltada para o municipalismo, 1993.

Bibliografia dos Docentes do Departamento de Jornalismo: produção científica, literária e artística, 1994.

O Controle dos Meios de Comunicação, 1996.

A televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha, 1977(org.). Televisão na era da globalização, 1999 (org.).

A televisão no Brasil: 50 anos de história, 2000. Imparcialidade é Mito, 2001.

História da Televisão Brasileira: Uma visão econômica, social e política, 2002.

Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo, 2005.

Cidadão sem fronteiras, 2007.

Comunicação plural, 2007 (org.).

No campo literário, além de participar de várias antologias poéticas e de ter veiculado sua produção em revistas, jornais e na internet, publicou os seguintes livros:

Nas Teias do Mundo, 1973.

(poemas) *O Vigia do Tempo*,

1977. (poemas) *A Batalha de*

Natal, 1978. (crônicas)

Time's Sentinel, 1979 [Tradução de Maria

Luisa Nunes]. (poemas)

I No Longer Sing, I Cry (Já não canto, choro),

1980. Edição bilíngüe [Tradução de Albert

Bork]. (poemas)

Lançados ao Mar, 1985. (poemas)

Asas Para Amar, 1ª ed. 1995; 2ª ed. 1996.

(poemas) *Estandarte*, 1ª ed. 1995; 2ª ed. 1996; 3ª

ed. 1996. (poemas)

Trilha poética, 1998. (poemas)

Étendard, 1998 [Tradução de Daniel Bloom].

(poemas)

Fio Condutor, 2006. (poemas)

Amadeu, um bandido nordestino, 2008. (novela)

Impressão e acabamento
EMPRESA GRÁFICA
DA BAHIA
Inaugurada em 1915